

O sininho

Há centenas de anos viveu na Alemanha uma criança muito bondosa, que ganhara de sua mãe um sininho prateado para brincar. A criança foi para frente da casa, atirou a sineta para o alto e bradou:

-Esta é para um amável anjinho.

A sineta não voltou à terra; por mais que se procurasse, ela foi e nunca mais voltou. Ninguém chegou a saber onde ela foi parar, mas eu sei e para vocês irei revelar. Por acaso, um pequeno anjo estava brincando no ar sem ser visto e, como ele ouviu as graciosas palavras da criança, pegou a sineta.

Ele voou tranqüilamente com ela pela floresta. As árvores ramalhavam e acenavam bom dia, os pássaros cantavam suas mais lindas canções, as campânulas azuis abanavam com os cálices; elas teriam gostado muito de brincar com o novo sininho; mas o anjo seguiu voando até uma fonte secreta. Ali vivia a fada da floresta, sua pequena amiga. Quando ela ouviu o agradável toque, saiu de pressa da gruta na qual se banhava, saltou para fora, abraçou e beijou o amigo.

-Que bom que você veio me visitar de novo, disse ela, mas que sininho bonito você tem aí?

-Ele foi jogado para mim por uma criancinha dos humanos, disse o anjo, o que você quer fazer com ele?

-Ah, nós poderíamos pendurá-lo, para que toque bem bonito, sorriu a pequena fada.

O anjo concordou silenciosamente com a cabeça e seus olhos azuis brilharam. Voou para o alto e pendurou a sineta com um fio invisível no céu.

Desde então ela está pendurada profundamente na floresta, na qual vive a pequena fada. Na Páscoa, ela sempre deixa sineta bem brilhante. Mas às vezes as crianças boas ouvem um claro toque que parece vir da floresta; sentem-se então como se estivessem no céu, como se elas próprias fossem anjos e amassem o mundo inteiro.

Eu vou contar para vocês sobre uma criança assim.

Fritz era filho de um pobre sapateiro de uma aldeia. Um dia ele precisou ir à pequena cidade, que não ficava distante da aldeia, para buscar um par de botas e viu em uma vitrine uma caixinha maravilhosa com soldados de chumbo coloridos. Ah, como eles eram magníficos! Eles não eram tão espichados e magros quanto os soldados de chumbo costumam ser; não, eram fortes e roliços como os soldados de verdade que marchavam na rua. Fritz tinha muita vontade de também ter seus próprios soldados. Seu pai dissera que ele devia guardar as moedinhas que recebia como entregador de calçados. A partir daí, passou a economizar centavo a centavo.

Finalmente, quando já havia se passado quase um ano, ele tinha juntado um marco.

-Oba, agora eu compro os soldados!

Seu coração disparou de alegria e de expectativa. O caminho para a cidade passava por uma densa floresta; alegre, assobiava e já se imaginava brincando com os lindos soldados fortes.

Então encontrou outro menino que trazia uma estreita gaiolinha de madeira. Uma avezinha cinzenta olhou amedrontada pela grade.

-Nossa, é um rouxinol!, exclamou Fritz.

-Sim, gabou-se o menino, este, eu mesmo prendi.

- Meu Deus, pobre animal, deixe-o voar de novo, pediu Fritz, olhe só como ele está amedrontado.

-Não seja bobo, falou o menino, o passarinho me paga por ele no mínimo um marco.

-Aqui, bradou Fritz, eu tenho um marco, dê-me o rouxinol.

-Pode ser, disse o menino, olhou sorrindo para Fritz, pegou o marco e foi embora.

Ali ficou nosso pequeno Fritz com sua gaiola e de repente pensou com tristeza em seus lindos soldados. Mas a avezinha olhou-o com olhos tão suplicantes, que ele depressa abriu a gaiola. E assim que o animalzinho se livrou de sua prisão, voou alto e rejubilou entre as árvores. Parecia para nosso pequeno aprendiz de sapateiro, que uma sineta estava a tocar ao longe, mais linda e delicada que qualquer outro sino. Ficou tão feliz que não podia conter a alegria. Em uma grande curva, ele jogou a gaiola em um arbusto e correu para casa.

Por muito tempo ele guardou com clareza o toque prateado do sininho no ouvido e no coração. Essa lembrança parecia para Fritz mil vezes mais bonita que a dos gordos soldados coloridos que em algumas semanas teriam se quebrado.

A fada da floresta sempre se senta na fonte e presta atenção, quando uma criança foi correta e de bom coração. Nesses casos, ela toca suavemente a encantadora sineta. E então vem também o pequeno anjo de olhos azuis, e juntos se alegrem pela boa criança.

Você ainda não ouviu seu toque?

Tradução de Lara Frichenbruder Kengeriski

Do homenzinho de fogo e a rata cinzinha

-Hoje quero contar para vocês a história do Homenzinho de Fogo, disse uma noite a nossa querida e velhinha tia Minna.

- Na verdade, ela é um pouco apavorante, mas mesmo assim quero contá-la para vocês.

Vocês têm que saber que, na casa de Pankenbrück, tínhamos uma grande estufa de ladrilhos, uma velha estufa verde. E ela tinha ganchos reluzentes para pendurar roupa molhada e também um forno com uma porta de latão.

No inverno, havia maçãs assadas ou uma panelinha com café no forno para o Fritz e a Grete quando voltavam cansados e famintos por ter patinado tanto.

Crianças, digo para vocês, era um exemplar esplêndido de uma estufa de ladrilhos!

E o que era o mais magnífico, é que nela morava um Homenzinho de Fogo, um diabinho real e amarelo. Quando em baixo se abria a porta e as chispas cor de fogo saíam, se podia ver claramente como ele pulava e saltava - *poin, poin* - sempre através da chama, para um lado e para o outro. Às vezes ele dava um espetáculo muito cômico. Divertia-se partindo ao meio os pedaços de madeira que não queriam pegar fogo imediatamente, também cuspiam nas chamas para que fagulhassem e assobiassem e dava risadinhas atrás delas. Era certamente um diabinho, como também todos os outros homenzinhos de fogo.

Agora vai começar a minha história.

Uma vez tive que pôr uma ratoeira. Havia aparecido um buraco muito suspeito no pão que estava no armário de canto na sala de estar. Fritei um pedaço de toucinho até ficar bem crocante e o pus na ratoeira. Na manhã seguinte o toucinho não estava mais ali, mas a ratoeira estava fechada e não havia nenhuma ratinha. Grete e eu sacudimos admiradas as cabeças; só o Fritz, que não se admirava com nada, dava gargalhadas e até pensamos que ele havia deixado a ratinha correr. Ele